

ABA NATURALISTA E OS IMPACTOS DO ENSINO INCIDENTAL NAS ESCOLAS PARA OS NEURODIVERGENTES

Marcia [REDACTED]

Rafaela Cristina de Jesus Silva Marinho²

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido durante o levantamento e as leituras de materiais para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo como objeto de estudo “ABA³ naturalista e o ensino incidental para os neurodivergentes”. O objetivo deste estudo é discutir a partir de referências teóricas o ensino-aprendizagem dos estudantes neurodivergentes por meio das novas práticas do ABA naturalista e o ensino incidental. A produção deste texto se justifica pela relevância em debater a temática, por reconhecermos que é um objeto que carece de aprofundamento nas discussões e produção científica em educação, objetivando contribuir com a educação inclusiva tanto no campo da teoria quanto da prática realizada com estudantes neurodivergentes. Também por se considerar um tema crucial para ser refletido nas formações docentes, trazendo à mostra o lugar das especificidades do público alvo do ensino, como estas a serem analisadas dão condições a se pensar uma cultura ou dito melhor política específica de inclusão para os estudantes nas redes de ensino. Enquanto metodologia adotada, a pesquisa parte de uma abordagem qualitativa fundamentada em Lüdke e André (2018) e o procedimento para a realização da sistematização deu-se a partir do estudo bibliográfico-exploratório a partir de Gonsalves (2007). **Como resultados do estudo identificasse três aspectos, a seguir: o primeiro refere-se ao termo ABA, traduzido para o português como Análise do Comportamento Aplicada, sendo uma abordagem que auxilia na diminuição das barreiras de aprendizagem, concebido enquanto ciência que advém dos princípios do comportamento e objetiva aprimorar ações socialmente relevantes, podendo ser aplicada em diferentes contextos escolares, como as salas de aula, recreio, passeios e demais atividades que possam ou não envolver o pedagógico, para promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e emocionais. Como segundo aspecto, identificamos que o ensino incidental caracteriza-se enquanto um procedimento atrelado às interações entre um adulto e uma criança que ocorrem naturalmente em situações rotineiras, e que são usadas para ‘ensinar’ novas informações. E por fim, o terceiro aspecto, compreendendo o “neurodivergente” como um indivíduo com funcionamento neurocognitivo atípico, com um funcionamento fora da média esperada pela sociedade. Um sujeito que não porta uma doença, mas uma especificidade humana diversa, como tantas outras e que sendo representante de uma camada que se inclui na luta pela diversidade, por uma educação socialmente referenciada no que diz respeito a dita ‘inclusão’.**

Palavras-chave: ABA Naturalista, Ensino Incidental, Escolas, Neurodivergentes.

INTRODUÇÃO

¹ Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/Centro Acadêmico do Agreste - CAA. Membro do grupo de pesquisa “GPENAPE”. Pós graduanda em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica- ALPHA. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8316-4884>. E-mail: marcia19.b@gmail.com.

² Aplicadora ABA. Acompanhante Terapêutica. Graduada em Pedagogia (último período) Universidade Paulista-UNIP. Pós graduanda em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica- ALPHA. E-mail: rafaellamarinho.rc@icloud.com

³ Refere-se ao termo em inglês Applied Behavior Analysis (ABA) e pode ser traduzido para o português como Análise do Comportamento Aplicada/o. A análise do comportamento em si é uma ciência discutida pelo psicólogo behaviorista, inventor e filósofo norte-americano Skinner.

O presente artigo foi desenvolvido durante o levantamento e as leituras de materiais para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo como **objeto de estudo** “ABA⁴ naturalista e o ensino incidental para os neurodivergentes”.

A inquietação em estudar essa temática parte da seguinte **questão de pesquisa**: Quais são as referências teóricas do ensino-aprendizagem dos estudantes neurodivergentes por meio das novas práticas do ABA naturalista e o ensino incidental?

Para contemplar essa indagação, tomamos como **objetivo geral**: discutir a partir de referências teóricas o ensino-aprendizagem dos estudantes neurodivergentes por meio das novas práticas do ABA naturalista e o ensino incidental. Tendo então, os **objetivos específicos**: Descrever o desenvolvimento das crianças atípicas após a inclusão do Ensino Incidental na metodologia escolar; e citar necessidades específicas de crianças, trazendo para o Ensino Incidental a melhor performance de apresentar o conteúdo.

A **produção deste texto se justifica** pela relevância em debater a temática, por reconhecermos que é um objeto que carece de aprofundamento nas discussões e produção científica em educação, objetivando contribuir com a educação inclusiva tanto no campo da teoria quanto da prática realizada com estudantes neurodivergentes. Também por se considerar um tema crucial para ser refletido nas formações docentes, trazendo à mostra o lugar das especificidades do público alvo do ensino, como estas a serem analisadas dão condições a se pensar uma cultura ou dito melhor política específica de inclusão para os estudantes nas redes de ensino.

O texto está organizado a partir desta introdução; prosseguimos com a metodologia adotada para a produção da sistematização; segue-se com os resultados das leituras realizadas e a discussão sistematizada a partir das referências estudadas; e por fim, trazemos as considerações finais a respeito do objeto estudado.

METODOLOGIA

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa fundamentada em Lüdke e André (2018), havendo a consideração dos significados, gestos, valores e toda a cultura apreendida **na investigação**.

O procedimento metodológico para a produção da sistematização deu-se a partir de um estudo bibliográfico-exploratório acerca das produções que tratam do nosso objeto de estudo “ABA⁵ naturalista e o ensino incidental para os neurodivergentes”.

Assumimos amparados em Gonsalves (2007) que a pesquisa bibliográfica é caracterizada pela identificação e análise dos dados **presentes em registros escritos**.

Tendo em vista que a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, não é neutra e sem criticidade ao objeto estudado, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, a partir de sua elaboração o pesquisador produz uma nova compreensão e interpretação dos fatos e discussões, chegando a conclusões inovadoras para a ciência, tal como para a sociedade (MARCONIE LAKATOS, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I) ABA Naturalista

ABA refere-se ao termo em inglês Applied Behavior Analysis e traduzido para o português como Análise do Comportamento Aplicada. É uma abordagem que auxilia na diminuição das barreiras de aprendizagem. Após muitos estudos e pesquisas, em 1987, o psicólogo norueguês Ole Ivar Loaas publicou um documento comprovando a eficácia dessa ciência, abrindo portas para a sua aplicação pelo mundo. Mas, seu principal autor e pesquisador foi o psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner (1957), que contribuiu com diversas pesquisas ao longo das últimas décadas.

Conhecido como um dos fundadores do Behaviorismo radical, Burrhus Frederic Skinner, com uma abordagem teórica que enfatiza a importância do ambiente e da aprendizagem na formação do comportamento humano, seus estudos foram pautados na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), dedicados aos estudos do comportamento humano. Compreende-se que o ensino-aprendizagem não é igual é para todos, já que cada indivíduo é singular e se comportam de maneiras diferentes, assim pode-se afirmar que o discurso de que “somos todos iguais” fortalece o capacitismo e preconceito.

A Ciência ABA é uma ciência cujas intervenções vêm dos princípios do comportamento, seu objetivo é aprimorar comportamentos socialmente relevantes e pode ser aplicada em diferentes contextos escolares, como as salas de aula, recreio, passeios e demais

atividades que possam ou não envolver o pedagógico, para promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e emocionais.

É uma abordagem psicológica, que vem se destacando por sua eficiência em alterar comportamentos socialmente relevantes, através da redução de déficits comportamentais por meio do desenvolvimento de habilidades, como por exemplo, ensinar uma criança a voltar-se para quem o fala quando for chamado, seguir uma demanda em sala de aula, ou nas atividades diárias como trocar-se de roupa de forma independente. Bem como da redução de excessos comportamentais, como diminuir a alta taxa de comportamentos estereotipados de um indivíduo, ressaltando que não se deve erradicar as estereotípias, apenas amenizar.

ABA é a aplicação de uma ciência e não de um método ou técnica. Dessa forma, seus resultados são baseados em evidências científicas e dados de estudos. Esta ciência parte da conjectura, de que o comportamento de um ser humano é influenciado pelo ambiente e pela aprendizagem e que, no entanto, pode ser controlado e modificado conforme as observações feitas sobre o que melhorar ou extinguir da criança. Sabendo disso, o profissional estuda a criança para definir como vai ensinar o que ela especificamente precisa aprender. Salientando que cada criança aprende de um jeito e claro, no seu ritmo, portando a intervenção da ciência ABA consegue extrair o máximo de habilidades da criança.

De acordo com Lucelmo Lacerda, doutor em educação, pós-doutorando em educação especial, especialista em educação especial, inclusiva e políticas de inclusão, coordenador nacional do núcleo de atenção ao transtorno do espectro autista – NATEA, na ciência ABA são avaliados quais os comportamentos que estão em déficit, ou seja, aqueles que o indivíduo não faz ou faz menos do que deveria. Como qualquer comportamento pode ser ensinado, a intervenção ABA ajuda neste processo para o profissional ensinar a habilidade que o indivíduo precisa aprender ou potencializar. Levando isso para o meio pedagógico, a avaliação diagnóstica é de suma importância para que se faça os ajustes e intervenções adequadas.

Não é possível ter um ensino adequado para os atípicos, se a escola não compreender o quanto é importante ter um profissional de intervenção da ciência ABA para auxiliar no desenvolvimento dos neurodivergentes junto com os docentes, gestão escolar e equipe multidisciplinar. Já que os comportamentos estão ligados à dinâmica da sala de aula, com as rotinas e regras a serem seguidas por todos os alunos. É imprescindível que o Aplicador ou Terapeuta ABA se faça presente nas escolas, para uma devolutiva satisfatória aos pais que confiam seus filhos nesse ambiente, que inicialmente é tão assustador para as crianças. E também para os pais, que não sabem o que está ocorrendo de fato com seu filho após os portões da escola fecharem, e no final da aula, quando buscam a criança, o feedback vem sempre com

o mesmo roteiro de que foi “tudo bem”, quando o que de fato se quer dizer é: criança atípica que não dá trabalho, é aquela criança que fica no canto, rodando coisas ou estereotipando, enquanto os demais estão aprendendo a ler e escrever como de ‘costume’.

Na visão de Skinner (1935) não se deve considerar nenhuma prática como imutável, ela é dinâmica e o ser que a aplica deve estar aberto as mudanças constante, uma vez que não há uma verdade fixa e absoluta, pois o que existe é o desenvolvimento de experiências e práticas historicamente situadas que se reinventam e se renovam a depender do contexto e dos sujeitos envolvidos.

Mayra Gaiato (2022), mestre em análise do comportamento (ABA), neurocientista pela FMUSP, formada no Modelo Denver de Intervenção Precoce pelo Mind Institute (UC Davis-University of California) e pós-graduada em Infant-Parent Mental Health pela University of Massachusetts, afirma que as terapias baseadas na ciência ABA são comprovadamente as mais eficazes para ampliar o repertório e a independência de crianças autistas ou com atrasos no desenvolvimento. Com o passar dos anos, essa ciência foi sendo aperfeiçoada a partir de muitos estudos e pesquisas, chegando a práticas cada vez mais humanizadas, divertidas, motivadoras e com resultados de excelência.

Salientado que a ciência ABA Naturalista e a ciência ABA Estrutural têm as mesmas propostas e objetivos, no entanto, para fazer cooperação com o Ensino Incidental, a ciência ABA Naturalista é mais significativa para esse contexto, pois a dita ciência ABA estrutural trabalha com reforçadores extrínsecos (elementos trazidos de fora para instigar o estudante), enquanto a ciência ABA naturalista aborda com os reforçadores intrínsecos (elementos assumidos pessoalmente pelo estudante, como sons, gestos e brincadeiras) desenvolvidos pelo próprio estudante.

II) ENSINO INCIDENTAL

É um procedimento que se refere “às interações entre um adulto e uma criança que ocorrem naturalmente em situações rotineiras, e que são usadas pelo adulto para transmitir novas informações ou promover a prática no desenvolvimento de novas habilidades de comunicação” (HART e RISLEY, 1975, p. 335). O ensino incidental geralmente é usado em crianças de 2 a 9 anos, mas é eficaz em qualquer idade para pessoas neurodivergentes. Também tenciona ajudar as crianças a transferir habilidades de uma situação para outra e incentivá-las a novas aptidões. Quando professores, terapeutas ou pais utilizam o ensino incidental, utilizam oportunidades naturais de aprendizagem, como a brincadeira por exemplo, para desenvolver as habilidades das crianças, incluindo competências de comunicação e comportamentos.

O Ensino Incidental faz parte da abordagem da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) desde a década de 1970. Foi a primeira técnica de ensino naturalista. Ofereceu uma alternativa às técnicas tradicionais como o Discrete Trial Training (DDT), em português Treinamento por Tentativas Discretas, que é o ensino controlado pelo professor que declara instruções com intervalos entre as tentativas. Tudo através de um ambiente sem distrativos, planejado e controlado. O professor usa estímulos selecionados, não havendo a necessidade de que os estímulos consequentes tenham relação com os estímulos de ensino. Em contra partida, o Ensino Incidental é iniciado pelo aprendiz, que solicita itens de sua preferência. O ensino acontece de maneira natural, em contextos de atividades que ofereça itens de interesse à criança, consequentemente, os itens são usados como reforçadores intrínscos à atividade. Assim, a ciência ABA Naturalista agrega ao Ensino Incidental de forma que a criança tenha mais amplitude na aprendizagem.

Quando brincamos e geramos estímulos que sejam gostosos para nós e para os pequenos, quando fazemos com motivação, harmonia, amorosidade, tudo se torna mais atrativo e vai “aquecer” os nossos fios de ouro, os circuitos envolvidos nas relações sociais. A emoção vem como uma coisa boa! (MAYRA GAIATO, 2022, p. 4).

A característica mais distintiva do ensino incidental, é que todas as interações devem ser iniciadas pelo aprendiz. Isto pode parecer difícil, levando em consideração que as crianças neurodivergentes são conhecidas pela sua dificuldade em iniciar um diálogo social, aprender ou interagir com outras pessoas. Esses comportamentos comuns das crianças atípicas são precisamente a razão pela qual o Ensino Incidental foi criado como terapia iniciada pela criança. O conceito inicial de Ensino Incidental foi originalmente desenvolvido por Risley e Hart na década de 1970 (HART e RISLEY, 1975) e depois expandido como parte do Projeto Walden sob a supervisão da Dra. Gail McGee e seus colegas da Emory University na década de 1990 (MCGEE, MORRIER e DALY, 1999). Se um professor aproveitar as chances para incetivar a auto-iniciação e superar a falta de motivação no processo, a criança desenvolverá duas das competências mais críticas necessárias para promover o seu aperfeiçoamento no futuro.

Para fazer isso, o professor precisa criar um ambiente que apresente muitas dessas oportunidades, ou “*momentos de ensino*” para o aprendiz. Para começar, é necessário que o professor observe a criança e selecione quais coisas a criança gosta de fazer e quais objetos do ambiente ela mais gosta. Também é aconselhável prestar atenção a quais são os comportamentos típicos da criança. Reservar um tempo para observar quais comportamentos inadequados mais precisam ser reduzidos ou eliminados, e os pontos fortes da criança e como eles podem ser usados para ajudá-la a se sentir bem com suas habilidades sempre que ela ficar

desanimada. Depois de anotar quais coisas no ambiente são de interesse da criança, o espaço de trabalho para exercícios de ensino incidentais deve ser preparado.

A ideia por trás do ensino incidental baseia-se que se uma habilidade for recompensada a criança utilizara as competências com mais facilidade. Tendo em vista os interesses naturais do aprendiz como base para aprendizagem, o professor segue o exemplo da criança, com isso as técnicas de ensino naturalistas pressupõem que a criança utilizará as competências mais facilmente numa vasta quantidade de situações. Suas habilidades em ambientes naturais como as brincadeiras, em vez de em ambientes altamente estruturados são mais estimuladas. O Ensino Incidental envolve o uso de várias etapas para melhorar as habilidades do aprendiz, através de um ambiente interessante para a criança, como por exemplo, uma área de recreação com objetos ou atividades de prediletas.

O ensino incidental é muito breve e deve ser agradável para o educador e para a criança. Portanto, analisar a dinâmica usada é fundamental, para que se a atividade proposta estiver demorando muito para acontecer ou se estiver desagradável, é preciso parar e redirecionar a criança para outra atividade, aguardando uma próxima oportunidade para o “*momento de aprendizado*”.

Com uma troca de ensino-aprendizagem bem sucedida com a criança elaborando o aprendizado como proposto, a satisfação da criança e do educador é fascinante. Conseguir com que a criança atípica se sinta motivada e inicie uma interação com o educador e a atividade, é algo que a maioria das crianças neurodivergentes não fazem facilmente, portanto o Ensino Incidental trás de forma leve e ativa, com que a criança sinta-se motivada a vivenciar o processo de aprendizagem.

A motivação e a auto-iniciação são dois dos maiores défices nas crianças neurodivergentes e dificultam a capacidade de desenvolver a aprendizagem, o funcionamento e as competências sociais necessárias. Um professor que usa o Ensino Incidental como estratégia para adaptar as atividades propostas, instiga a criança no caminho para superar os obstáculos no processo de aprendizagem do conhecimento. Assim, concebemos neste estudo teórico que é algo esplêndido.

III) Neurodivergentes

A expressão “neurodivergente” refere-se a um indivíduo com funcionamento neurocognitivo atípico, ou seja, com um funcionamento fora da média esperada pela sociedade. O termo neurodiversidade foi cunhado pela socióloga australiana e diagnosticada com síndrome de Asperge (nomenclatura não mais utilizada) Judy Singer, em 1999, em um texto com o sugestivo título “Por que você não pode ser normal uma vez na sua vida? De um

problema sem nome" para a emergência de uma nova categoria de diferença (SINGER 1999). Para Singer (1999) a palavra 'Neurodiversidade' não surgiu do nada, mas foi o ápice da sua pesquisa acadêmica e de toda uma trajetória de experiências pessoais de exclusão e de invalidação enquanto uma pessoa que lidava com uma família afetada por uma 'deficiência desconhecida' que nem ela, nem a sociedade sabia do que se tratava.

O termo ressalta que o neurodivergente não está portando uma doença que deve ser tratada ou curada. Trata-se de uma diferença humana, uma condição neurológica que deve ser respeitada e incluída na sociedade como outras diferenças, por exemplo: os deficientes físicos, pessoas indígenas, quilombolas, negros, LGBTQIA+ entre outros. Procurar uma cura implica assumir que o autismo é uma doença, não uma "nova categoria de diferença humana", usando a expressão de Singer (1999). Estar no espectro autista, apresentar transtorno do déficit de atenção com ou sem hiperatividade (TDAH), dislexia, dispraxias e outras condições são possibilidades de neurodivergência (SINGER, 2005).

Quando a neurodivergência é diagnosticada em um filho, é uma situação que iminentemente gera um conflito, no qual os pais e familiares, são jogados em outro extremo da realização de um sonho: ter um filho. E antes de começar uma longa e estressante caminhada para dá o melhor suporte para a criança, vem a negação da diferença. **Quantos e quantos pais negaram e negam o diagnóstico do filho, pelo fato que a sociedade não quer uma criança fora dos padrões.** Sim, ainda precisa-se lutar muito para a inclusão, lutar heroicamente contra todo o mal, **se desafiar diante da paralisação frente ao desconhecido, trilhar um caminho inusitado que a vida os apresentou.** Um "desvio" de percurso, para a neurodiversidade. Seria tão mais fácil as tais rotas "normais", que estão nas perceptivas de todo e qualquer ser humano, mas, como pais, é necessário receber o tal conflito, saindo da "confortável" normalidade.

O argumento da neurodiversidade, que continuava angariando adeptos, devia sua existência ao reconhecimento da síndrome de Asperger no final do século quando Lorna Wing a usou para argumentar que o autismo era um espectro grande, amplo, profundo e embaciado e o DSM reconheceu o diagnóstico na sua edição de 1994, o DSM-IV, os limites em torno do distúrbio se alargaram de modo exponencial. Sem esses dois desenvolvimentos, parece improvável que a noção de autismo cunhada por Leo Kanner em 1943 pudesse se dilatar a ponto de incluir um grande número de pessoas inteligentes, talentosas e independentes como Alex Plank, Michael John Carley e Ari Ne'eman em 2010. A síndrome foi o seu bilhete de ingresso no espectro — o deles e o de muitos outros, e deu ao argumento da neurodiversidade de debatedores e promotores mais eficazes (DONVAN; ZUCKER, 2009, p. 533).

Compreendemos a partir da aceção teórica acima apresentada que o conhecimento da síndrome foi tomado de modo amplo, dando condições de desenvolvimento de diagnósticos alargados e detalhados a maneira específica do ser/paciente, alcançando com essa dinâmica

peças altamente inteligentes e dotadas de talentos diversos que sustentou a ‘expressão da neurodiversidade’, possibilitando o pleito de estudos, reflexões e busca por práticas verdadeiramente inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo das leituras realizadas, assumidas na perspectiva de Gonsalves (2007) enquanto análise de registros sistematizados, o artigo teve como objetivo discutir o ensino-aprendizagem dos estudantes neurodivergentes por meio das novas práticas do ABA naturalista e o ensino incidental. Assim descrever o desenvolvimento das crianças atípicas após a inclusão do Ensino Incidental na metodologia escolar e citar necessidades específicas de crianças, trazendo para o Ensino Incidental a melhor performance de apresentar o conteúdo.

Como resultados dessas leituras e as reflexões construídas destacamos três aspectos, a seguir: o primeiro refere-se ao termo ABA, identificado na tradução para o português como Análise do Comportamento Aplicada, sendo uma abordagem que auxilia na diminuição das barreiras de aprendizagem. O ABA concebido enquanto ciência que advém dos princípios do comportamento e objetiva aprimorar ações socialmente relevantes, podendo ser aplicada em diferentes contextos escolares, como as salas de aula, recreio, passeios e demais atividades que possam ou não envolver o pedagógico, para promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e emocionais.

Como segundo aspecto, identificamos que o ensino incidental caracteriza-se enquanto um procedimento atrelado às interações entre um adulto e uma criança que ocorrem naturalmente em situações rotineiras, e que são usadas pelo adulto para ‘ensinar’ novas informações ou promover o desenvolvimento de novas habilidades de comunicação” (HART e RISLEY, 1975). Essa modalidade de instrução ajuda as crianças a dinamizar habilidades de uma situação para outra e incentivá-las a novas aptidões. Quando professores, terapeutas ou pais utilizam o ensino incidental, utilizam oportunidades naturais de aprendizagem, como a brincadeira por exemplo, para desenvolver as ações das crianças, incluindo competências de comunicação e comportamentos.

E por fim, o terceiro aspecto, compreendemos por meio do estudo realizado que o “neurodivergente” refere-se a um indivíduo com funcionamento neurocognitivo atípico, ou seja, com um funcionamento fora da média esperada pela sociedade. Um sujeito que não porta uma doença, mas uma especificidade humana diversa, como tantas outras e que sendo representante de uma camada que se inclui na luta pela diversidade, por uma educação socialmente referenciada no que diz respeito a dita ‘inclusão’.

REFERÊNCIAS

- DONVAN, J; ZUCKER. C. **Outra Sintonia: A história do Autismo**. Companhia das Letras, 2009.
- GAIATO, Mayara. **Como estimular crianças no espectro autista ou com atrasos no desenvolvimento**. Mayara Gaiato- São Paulo, SP: nVersos Editora, 2022.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 4. ed. Campinas (SP): Editora Alínea, 2007.
- Hart, B.M. e Risley, T.R. **Incidental teaching of language in the preschool**. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 8 (4), 411-420, 1975. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/quais-sao-os-tipos-de-ensino-em-aba/>
<https://www.appliedbehavioranalysisprograms.com/lists/5-techniques-used-in-applied-behavior-analysis/>
<https://www.autismspeaks.org/applied-behavior-analysis>
<https://www.esporTEEinclusao.com.br/autismo-infantil/entenda-como-funciona-a-ciencia-aba-para-criancas-com-autismo/#:~:text=A%20sigla%20ABA%20%E2%80%93%20An%C3%A1lise%20do,a%20su%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20pelo%20mundo> Acesso em: 28/05/2024.
- LAMÔNICA, Dionísia A. C. **Utilização de variações do ensino incidental para promover o aumento das habilidades lingüísticas de uma criança diagnosticada autista**. Universidade do Sagrado Coração, Temas psicol. v.1 n.2 Ribeirão Preto ago. 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200016#:~:text=O%20Ensino%20Incidental%20refere%20de,Hart%20e%20Risley%2C%201975 Acesso em: 28/05/2024.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- MCGEE, GG, MORRIER, MJ e DALY, T. (1999). **Uma abordagem de ensino incidental para intervenção precoce para crianças com autismo**. *Jornal da Associação para Pessoas com Deficiências Graves*, 24 (3), 133–146. Disponível em: <https://doi.org/10.2511/rpsd.24.3.133> Acesso em 02/04/2024.
- PAULA, Fraulein Vidigal de; e LEME, Maria Isabel da Silva. **Aprendizagem Implícita e Explícita: Uma Visão Integradora**. *Psicologia em Pesquisa* | UFJF | 4(01) |15-23 | janeiro-junho de 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000100003#:~:text=Este%20define%20aprendizagem%20impl%C3%ADcita%20como,que%20se%20adquiriu%22%20\(p](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000100003#:~:text=Este%20define%20aprendizagem%20impl%C3%ADcita%20como,que%20se%20adquiriu%22%20(p) Acesso em: 28/05/2024.
- RUSSO, Fabiele. **Quais são os tipos de ensino em ABA?** Blog- Neuro+conecta, Guarulhos, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://special-learning.com/incidental-teaching>. Acesso em 22/04/2024.
- SINGER, Emily. **Exercising the brain. Innovative training software could turn back the clock on aging brains**. *Technology Review*, 21 de Nov., 2005. Disponível em: http://www.technologyreview.com/InfoTech-Software/wtr_15914,300,p1.html (acessado em 01/04/2024).

SINGER, Judy. **Why can't you be normal for once in your life?' From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference.** In: M. Corker & S. French (orgs.). *Disability discourse*. Buckingham, Philadelphia: Open University Press. pp. 59-67, 1999. Disponível em: <http://www.neurodiversity.com.au> (acessado em 01/04/2024).

Skinner, B. F. **The generic nature of the concepts of stimulus and response.** *Journal of General Psychology*, 12, 40-65, 1935.

Skinner, B. F. *Verbal Behavior*. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.

TOLEDO, Tiago. **Entenda como funciona a ciência ABA para crianças com autismo.** Blog-Esporte e Inclusão, 2019. Disponível em: <https://raisingchildren.net.au/autism/therapies-guide/incidental-teaching>